

CORNELIA FUNKE

# O CAVALEIRO FANTASMA

*Tradução*  
Laura Rivas Gagliardi

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2011 by Cecilie Dressler Verlag GmbH, Hamburgo, Alemanha

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Geister Ritter

*Ilustração de capa*

Giulia Ghigini © 2012 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão

*Preparação*  
Adilson Miguel

*Revisão*  
Valquíria Della Pozza  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Funke, Cornelia

O cavaleiro fantasma / Cornelia Funke ; tradução Laura Rivas  
Gagliardi. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Gester Ritter.  
ISBN 978-85-65765-10-7

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

13-00647

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-350

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

## *Sumário*

1. No exílio, 9
2. Três homens mortos, 15
3. Hartgill, 21
4. Ella, 26
5. Um antigo assassinato, 34
6. Um juramento há muito esquecido, 42
7. O cavaleiro fantasma, 48
8. Uma tarde bem agradável, 54
9. O coração roubado, 67
10. Sombras venenosas, 75
11. O castelo de Longspee e o corista fantasma, 84
12. O tio de Ella, 90
13. A igreja dos Hartgill, 99
14. Zumbis, 104
15. O fim, 115
16. O lado sombrio de Longspee, 118
17. A ilha dos coristas, 123
18. Vésperas, 131

19. Abadia de Lacock, 135

20. Amigos, 144

21. Um bom lugar, 152

Posfácio e agradecimentos, 159

Glossário, 163

## 1. No exílio

Eu tinha onze anos quando minha mãe me mandou para o internato, em Salisbury. Sim, admito, seus olhos se encheram de lágrimas ao me levar à estação. Mas ela me pôs no trem mesmo assim.

— Seu pai ficaria tão feliz por você estar indo para a escola onde ele estudou! — ela disse, forçando um sorriso nos lábios, enquanto o Barba dava uns tapinhas tão encorajadores no meu ombro que, em troca, eu bem que poderia tê-lo empurrado da plataforma.

O Barba... minhas irmãs pularam em seu colo já na primeira vez que mamãe o trouxe para casa. Eu, porém, declarei guerra contra ele assim que o vi abraçá-la. Meu pai havia morrido quando eu tinha quatro anos e, claro, me fazia falta, mesmo que mal me lembrasse dele. Mas isso não significava que eu queria um pai novo, muito menos um dentista que não fazia a barba. Eu costumava ser o homem da casa, o herói das minhas irmãs, o queridinho da minha mãe. De repente, em vez de sentar para ver televisão comigo, ela saía com o Barba. Nosso cachorro, que assustava qualquer um no quintal, colocava brinquedinhos aos seus pés, e minhas irmãs desenhavam corações enormes para ele. “Ele é legal, sim, Jon!” Sempre tive que ouvir isso. Legal. O que era legal nele? Ele convenceu minha mãe de que tudo o que eu gostava de comer não fazia bem e que eu via televisão demais.

Fiz de tudo para me livrar dele. Sumi um monte de vezes com a chave de casa que mamãe havia dado a ele, derrubei refrigerante em

suas revistas de odontologia (é, essas revistas existem) e misturei pó de mico no seu adorado antisséptico bucal. Tudo em vão. No final, fui eu, e não ele, quem foi colocado no trem. “Nunca subestime seus inimigos!”, Longspee me ensinaria mais tarde. Mas, infelizmente, nessa época ainda não o havia encontrado.

É provável que meu exílio tenha sido decidido depois de eu ter convencido minha irmã menor a despejar seu mingau nos sapatos dele. Ou talvez por causa do pôster de “terrorista procurado” que fiz com uma foto dele. Seja lá qual tenha sido o motivo, apostaria meu videogame que a ideia do internato foi do Barba — mesmo que minha mãe negue até hoje.

É claro que mamãe se ofereceu para me levar pessoalmente à minha nova escola e para ficar alguns dias em Salisbury, “até você se acostumar”. Mas recusei. Eu tinha certeza de que ela só queria aliviar sua consciência pesada, pois estava planejando ir para a Espanha com o Barba, enquanto eu teria de me virar sozinho com professores estranhos, comida ruim e novos colegas, dos quais a maioria decerto seria mais forte e consideravelmente mais inteligente do que eu. Nunca tinha passado mais do que um fim de semana sem minha família. Não gostava de dormir em camas diferentes e definitivamente não queria ir para a escola numa cidade de mais de mil anos, e que ainda se orgulhava disso. Minha irmã de oito anos teria adorado trocar de lugar comigo. Desde que tinha lido *Harry Potter*, ela queria de todo jeito ir para um internato. Mas eu tinha pesadelos com crianças em uniformes horríveis, sentadas em refeitórios sombrios, diante de pratos de mingau aguado, sendo vigiadas por professores com bengalas compridas.

No caminho para a estação, não abri a boca. Nem dei um beijo de despedida na minha mãe, quando ela colocou a mala no trem para mim. Tive medo de cair no choro, feito criança, na frente do Barba. Passei a viagem fazendo cartas com pedacinhos de jornal colados, ameaçando o Barba com uma morte horrível, caso ele não deixasse minha mãe em paz. O velho ao meu lado me observava cada vez mais alarmado, mas no final joguei as cartas no banheiro do trem. Pensei comigo que ma-

mãe sem dúvida descobriria a origem delas e, para completar, acabaria ficando ainda mais do lado do Barba.

Eu sei. Minha situação era lamentável. A viagem durou uma hora e nove minutos. Desde então, já se passaram mais de oito anos e ainda assim me lembro claramente. Clapham Junction, Basingstoke, Andover — todas as estações pareciam idênticas, e a cada quilômetro sentia-me mais exilado. Depois de meia hora, eu já havia comido todas as barrinhas de chocolate que mamãe tinha embrulhado para mim (nove, se me lembro bem — ela estava com a consciência muito pesada!), e toda vez que olhava pela janela do trem e tudo se embaralhava diante dos meus olhos tentava me convencer de que não era por causa das lágrimas, mas das gotas de chuva que escorriam pelo vidro.

Como eu disse, lamentável.

Em Salisbury, ao puxar minha mala para fora do trem, senti-me ao mesmo tempo terrivelmente jovem e cem anos mais velho do que antes da partida. Exilado. Sem lar, sem mãe, sem cachorro, sem irmãs. Maldito Barba! Enquanto eu colocava a mala no chão, roguei aos infernos para que na Espanha houvesse algum tipo de doença contagiosa que matasse dentistas.

A raiva me fazia muito mais bem do que a autocomiseração. Além disso, era uma armadura útil contra todos os olhares estranhos.

— Jon Whitcroft?

Ao contrário do Barba, o homem que pegou a mala da minha mão e chacoalhou meus dedos lambuzados de chocolate não tinha o menor sinal de barba. O rosto redondo de Edward Popplewell era tão liso quanto o meu (o que para ele era uma grande preocupação, como eu viria a descobrir pouco depois). Já a sua mulher exibia uma penugem escura acima do lábio. Alma Popplewell também tinha a voz mais grossa que a do marido.

— Seja muito bem-vindo a Salisbury, Jon — ela disse meio incomodada, passando um lençinho de papel nos meus dedos melados. —

Pode me chamar de Alma, e esse é o Edward. Nós somos seus protetores. Sua mãe deve ter avisado que esperaríamos por você aqui, não?

Ela tinha um cheiro de sabonete de lavanda tão forte que fiquei enjoado — ou talvez fosse por causa das barrinhas de chocolate. Protetores... ainda mais essa. Eu queria minha vida de volta: meu cachorro, minha mãe, minhas irmãs (embora pudesse abrir mão delas) e meus amigos na antiga escola... sem Barba, sem protetor de rosto liso ou protetora com cheiro de lavanda.

Naturalmente, os Popplewell estavam acostumados com a saudade que os novatos sentiam de casa. Edward o Sem Barba cravou a mão no meu ombro assim que deixamos a estação, como se quisesse matar todos os meus pensamentos de fuga antes mesmo que nascessem. Os Popplewell não dirigiam (as más línguas diziam que o motivo era a grande afeição de Edward por uísque e a crença de que um dia, graças a seu consumo regular, alguma barba rala ainda despontaria). Enfim, fomos a pé, e Edward começou a me contar tudo sobre Salisbury, tudo o que cabe em trinta minutos de caminhada. Alma só interrompia quando o marido mencionava datas, porque ele as confundia um pouco. Mas ela não precisava ter se incomodado. Eu não estava ouvindo nada mesmo.

Salisbury, fundada sob neblina úmida, em tempos remotos, tinha cinquenta mil habitantes e mais de três milhões de turistas ávidos por ver a catedral. A cidade me recebeu com uma chuva torrencial. Sobre os tetos molhados, a catedral esticava sua torre no céu como um dedo inquiridor: “Prestem bem atenção, Jon Whitcroft e todas as crianças deste mundo! Sois tolos em acreditar que as vossas mães vos amam mais que a qualquer outro nesta terra!”.

Eu não conseguia ver nada, nem à esquerda, nem à direita, enquanto seguíamos por ruas que deviam existir desde a época da última peste na Inglaterra. No caminho, Edward Popplewell comprou sorvete para mim (“Sorvete é gostoso mesmo com chuva, não acha, Jon?”). Mas, na minha tristeza, não consegui trazer aos lábios nem um obrigado. Em vez disso, comecei a imaginar manchas de sorvete de chocolate se espalhando em sua gravata cinza-claro.

Era final de setembro e, apesar da chuva, os turistas se espremiavam

nas ruas. Os restaurantes ofereciam *Fish and Chips*, e a vitrine de uma loja de chocolate parecia realmente sedutora, mas os Popplewell se dirigiram para o portão do antigo muro da cidade, ladeado por lojinhas que vendiam catedrais, cavaleiros e demônios cuspidos água feitos de plástico prateado. Por causa da vista do outro lado do portão, todos os estrangeiros que se espremiavam na avenida principal iam para lá, com suas mochilas espalhafatosas e seus lanches embalados. Mas eu nem levantei a cabeça quando o pátio da catedral de Salisbury surgiu diante de mim. Não dei uma olhadinha sequer para a catedral e sua torre escurificada pela chuva, nem para as casas antigas que a circundavam, como um séquito de criados bem-vestidos. Tudo o que eu via era o Barba sentado na frente da televisão, minha mãe à sua direita, minhas irmãs à esquerda brigando para ver quem subiria primeiro em seu colo, e Larry, o cachorro traidor, rolando a seus pés. Enquanto os Popplewell discutiam a respeito do ano em que a catedral fora construída, eu via meu quarto abandonado e minha cadeira vazia na antiga classe. Não que eu tivesse algum prazer em me sentar nela, mas essa lembrança encheu meus olhos de lágrimas — que eu limpei com o lenço de papel cheirando a lavanda de Alma (e agora de cor marrom-chocolate).

A maioria das lembranças do dia da minha chegada foi encoberta pela névoa da saudade de casa. Mas, se eu me esforçar, surgem algumas imagens imprecisas: o portão do casarão velho onde os alunos do internato ficavam alojados (“Construído em 1565, Jon!” “Imagina, Edward, foi em 1594, e o prédio anexo onde ele vai dormir é de 1920”), corredores estreitos, quartos com um cheiro estranho, vozes estranhas, rostos estranhos, comida com tanto gosto de saudade de casa que eu mal consegui engolir...

Os Popplewell me colocaram num quarto com três camas.

— Jon, estes são Angus Mulroney e Stuart Crenshaw — anunciou Alma, ao me empurrar para dentro do cômodo. — Tenho certeza de que vocês vão se tornar grandes amigos.

“É mesmo? E se isso não acontecer?”, pensei, enquanto examinava

o pôster que meu futuro companheiro de quarto havia pendurado na parede. Claro que era de uma banda que eu detestava. Em casa, eu tinha um quarto só para mim com uma placa na porta, avisando: “Entrada de estranhos e de membros da família terminantemente proibida” (embora minha irmã mais nova não soubesse ler). Ninguém roncava ao meu lado ou embaixo de mim; não havia nenhuma meia suada no tapete (a não ser a minha), nenhuma música de que eu não gostasse e nenhum pôster de bandas e times de futebol que eu detestasse na parede. Internato. Meu ódio pelo Barba era digno de Hamlet (não que naquela época eu soubesse alguma coisa de Hamlet).

Stu e Angus fizeram de tudo para me animar, mas eu estava infeliz demais até para lembrar o nome deles. Não aceitei nem as jujubas que me ofereceram do estoque secreto (e estritamente proibido) de doces. À tardinha, quando minha mãe telefonou, não deixei que pairasse dúvida alguma sobre o fato de ela sacrificar a felicidade do único filho por causa de um barbudo estranho, e desliguei com raiva, certo de que ela passaria a noite em claro como eu.

Internato. Luzes apagadas às oito e meia. Para minha sorte, eu tinha levado minha lanterna. Passei horas desenhando lápides com o nome do Barba, e amaldiçoando o colchão duro e o travesseiro estupidamente baixo.

É. Minha primeira noite em Salisbury foi um tanto sombria. Sem dúvida, as razões para a minha tristeza abissal eram ridículas em comparação com o que se seguiu. Mas como eu poderia imaginar que a saudade de casa e o Barba em pouco tempo seriam a menor das minhas preocupações? Desde essa época, sempre me pergunto se existe algo como destino, e, caso exista, se é possível escapar dele. Será que eu teria ido parar em Salisbury se minha mãe não tivesse se apaixonado novamente? Será que eu nunca teria encontrado Longspee, Ella e Stourton sem o Barba? Talvez.

## 2. *Três homens mortos*

No dia seguinte, conheci a escola nova. Do internato, era só cruzar o pátio da catedral a pé, e dessa vez, mesmo com sono, dei uma olhada no prédio, ao passar por ele com Alma Popplewell. A rua de trás era margeada de faias, que ecoavam os gritos dos alunos terrivelmente despertados do primeiro ano. Para me proteger, Alma me abraçou, o que foi meio constrangedor, principalmente quando as primeiras meninas passaram por nós.

A escola ficava no final da rua, atrás de um portão de ferro forjado, que rasgaria facilmente a calça de quem tentasse pulá-lo. Mas naquela manhã estava completamente aberto. O brasão que o enfeitava mostrava apenas um decepcionante lírio branco sobre um fundo azul, sem unicórnios ou leões, como no brasão do muro da cidade.

— Pois afinal este é também o brasão real dos Stuart, sr. Whitcroft — afirmou o sr. Rifkin, meu novo professor de história, com um ar irritado, quando alguns dias depois perguntei o motivo. Então explicou durante uma longa e sofrida hora por que os animais exaltados eram inadequados para o brasão de uma escola de catedral.

Minha antiga escola parecia um caixote de cimento. A nova era um palácio. “Construída em 1225 para ser a residência do bispo”, segundo Alma me explicou, elevando a voz, pois um bando de rapazes barulhentos e agitados passou nos empurrando.

Senti enjoo de tanto medo, e não ajudava muito ficar imaginando

o Barba enforcado numa daquelas árvores gigantescas que cresciam no gramado em frente à escola.

Alma continuou com seu discurso, enquanto seguimos até a entrada por um caminho de seixos que rangiam. “O prédio principal foi construído em 1225, no século xv, o bispo Beauchamp ergueu uma torre na parte leste, a fachada é...”, e assim por diante. Como se rezasse uma oração, ela evocou o nome de um monte de bispos que haviam morado ali. Seus retratos ficaram pendurados na parede da escada do lado de dentro, e depois um de meus colegas me revelou que dava sorte jogar bolinhas de papel na testa deles antes de fazer uma prova. Mas comigo nunca deu certo. Enfim... de todas as informações com que Alma bombardeou minha cabeça naquela primeira manhã, gravei na memória apenas que, num dos aposentos do segundo andar, saiu tanto sangue do nariz de Jaime II que ele teve de ficar um dia inteiro de cama em vez de lutar contra Guilherme III.

Não aprendi muito nesse primeiro dia. Estava ocupado demais em marcar nomes e rostos e em não me perder no labirinto de corredores e escadas. Devo admitir que os outros alunos não pareciam morrer de fome, e que não encontrei em lugar nenhum os refeitórios escuros por mim imaginados. Até os professores eram suportáveis. Mas nada disso mudava o fato de que eu era um exilado e, assim, todas as tardes, voltava ao encontro de Angus e Stu com a mesma expressão triste que tinha posto na cara pela manhã diante do espelho do lavatório. Eu era o conde de Monte Cristo, que voltaria da terrível ilha-presídio para se vingar de todos aqueles que o haviam mandado para lá. Eu era Napoleão, exilado em Santa Helena para morrer solitário. Harry sob a escada dos Dursleys.

A casa onde passei as noites de meu exílio não oferecia nenhuma história de narizes reais com hemorragias. O alojamento da escola havia mudado do palácio do bispo para lá pouco antes de minha chegada. A construção era, como os Popplewell contaram, bem antiga, mas no moderno prédio anexo imperava o século XXI: linóleo, beliches, lavatórios e, no térreo, uma sala de televisão. O primeiro andar era para as meninas, o segundo, para os meninos.

Em nosso quarto, Angus era o dono incontestável da cama de solteiro. Angus era pelo menos um palmo mais alto do que eu, três quartos escocês (sobre o outro quarto ele nunca falava) e um bom jogador de rúgbi. Era um dos eleitos, como nós, os menos afortunados, chamávamos os coristas da escola. Eles usavam trajes quase tão antigos quanto o palácio do bispo, eram liberados das aulas para os ensaios e cantavam não só na catedral, mas também em lugares que soavam tão exóticos quanto Moscou ou Nova York. (Não foi surpresa para mim não passar no exame, mas mamãe ficou realmente decepcionada. É que meu pai havia sido corista.)

Na parede acima da cama de Angus havia fotos de um cachorro, dois canarinhos e uma tartaruga de estimação, mas de nenhum dos membros humanos de sua família. Quando Stu e eu afinal os conhecemos, concordamos que de fato não pareciam tão interessantes como o cachorro e os canarinhos. Mas o avô de Angus guardava muita semelhança com a tartaruga. Angus dormia embaixo de um monte de bichinhos de pelúcia e usava pijama com estampa de cachorro, coisa que, entendi rapidamente, ninguém comentava, a não ser que quisesse conhecer o abraço escocês.

Stu dormia na cama de cima do beliche, e eu fiquei com a de baixo, ouvindo o colchão ranger sobre minha cabeça sempre que Stu se mexia, me arrancando do sono nas primeiras noites. Stu era tão pequenino quanto um esquilo e tinha tantas sardas que mal cabiam em seu rosto. E era tão falante que eu ficava muito agradecido quando Angus de tempos em tempos o fazia calar a boca. Stu não nutria paixão por bichos de pelúcia ou pijamas estampados com cachorros. Ele amava cobrir seu corpo magro com tatuagens de mentira, que pintava em todos os lugares onde alcançava com canetas à prova d'água — embora Alma Poplewell esfregasse a pele dele sem dó pelo menos duas vezes por semana para apagá-las.

Os dois fizeram de tudo para me animar, mas novas amizades não coincidiam com minha resolução de ser exilado e infeliz. Por sorte, nem Angus nem Stu levaram a mal meu silêncio ranzinza. O próprio Angus tinha acessos de saudade de casa, apesar de ser seu segundo ano

de internato. E Stu estava sempre muito ocupado com suas paixões por qualquer menina mais ou menos bonita da escola para perder tempo comigo.

Foi na sexta noite que ficou claro para mim que saudade de casa seria minha última preocupação em Salisbury. Angus murmurava durante o sono algum hino que havia ensaiado para o coro. Eu estava deitado, pensando outra vez quem cederia primeiro: minha mãe, ao perceber que seu único filho era mais importante do que um dentista barbudo, ou eu, que me cansaria de meu coração de chumbo e imploraria para ser levado de volta para casa.

Justo na hora em que eu ia puxar o travesseiro para cobrir a cabeça, tentando escapar da ladainha que Angus murmurava, comecei a ouvir cavalos relinchando. Ainda lembro que me perguntei se não seria Edward Poppewell voltando do bar para casa a cavalo, e comecei a tatear ao redor até alcançar a janela. O sibilar constante e sonolento de Angus, nossas roupas no chão, o abajur fuleiro que Stu havia colocado sobre a escrivaninha — nada disso poderia ter me preparado para algo assustador que estivesse me esperando lá fora, na noite chuvosa.

Mas eles estavam lá.

Três cavaleiros. Pálidos, como se a noite os cobrisse com o bolor dos tempos. E olhavam fixamente para mim.

Tudo neles era sem cor: capas, botas, luvas, cintos — e a espada, na bainha. Pareciam homens cujo sangue tinha sido sugado de seus corpos pela noite. Os cabelos escorridos do maior chegava à altura dos ombros, e através dele eu via os tijolos do muro que circundava o jardim. O que estava a seu lado tinha uma cara de hamster e, assim como o terceiro, era tão transparente que a árvore detrás parecia crescer em seu peito. O pescoço deles tinha marcas escuras, como se alguém houvesse tentado cortar suas cabeças com uma faca cega. O mais assustador, porém, eram os olhos: buracos em chamas, cheios de um desejo assassino. Até hoje, perco a respiração só de lembrar.

Assim como os cavaleiros, também os cavalos estavam esmaecidos, com um pelo acinzentado cobrindo seus ossos sem carne, feito panos esfarrapados.

Eu queria ficar de olhos fechados, só para não ter mais de ver aqueles rostos exangues, mas não conseguia me mexer de medo.

— Ei, Jon, o que você tanto olha lá fora?

Nem ouvi quando Stu desceu da cama.

O maior dos três fantasmas apontou seu dedo esquelético para mim e sua boca sem lábios formulou uma ameaça muda. Tropecei para trás, mas Stu passou disparado por mim e apertou o nariz contra o vidro da janela.

— Nada! — ele afirmou, decepcionado. — Não tem nada lá!

— Deixe o Jon em paz, Stu! — resmungou Angus, meio dormindo. — Talvez ele seja sonâmbulo. Sonâmbulos ficam loucos se você falar com eles.

— Sonâmbulo? Vocês estão cegos? — No meu desespero, falei tão alto que Stu olhou para a porta, preocupado. Mas os Poppewell tinham o sono pesado.

O fantasma com cara de hamster sorriu com ironia. Sua boca era uma fenda aberta num rosto embranquecido. Então, ele puxou devagar a espada. Escorria sangue da lâmina e eu senti uma dor tão aguda no peito que precisei recuperar o fôlego. Caí de joelhos e me encolhi, tremendo, debaixo do parapeito da janela.

Hoje só me lembro do medo. Sempre vou me lembrar.

— Não enche, Jon. Volte a dormir! — Stu tropicou até a cama. — Lá fora não tem nada além das caçambas de lixo.

Ele realmente não via nada.

Reuni toda a minha coragem e espiei por cima do parapeito da janela.

A noite estava escura e vazia. A dor no meu peito havia desaparecido e eu me sentia um idiota.

“Era só o que faltava, Jon”, pensei, enquanto engatinhava para debaixo daquelas cobertas toscas. “Agora você vai ficar louco de tanta saudade de casa.” Talvez eu estivesse tendo alucinações, pois, além das jujubas do Stu e do Angus, eu não estava comendo quase nada.

Angus recomeçou a sibilar enquanto dormia, mas eu levantei algumas vezes ainda e fui pé ante pé até a janela. Lá fora, tudo o que eu

via eram ruas desertas diante da catedral exuberante. Enfim adormeci, firmemente convicto de que estava na hora de começar a encarar a comida do internato.